

# Sem fôlego

Brian Selznick

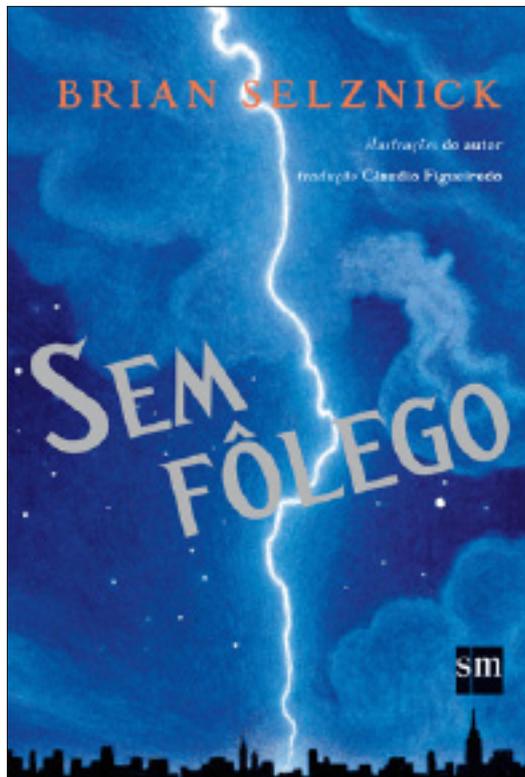


Ilustrações Brian Selznick

Tradução Claudio Figueiredo

Temas abordados Surdez • Perda • Solidão • Construção da identidade  
Aventura • Ciência, arte e cultura

## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



640 páginas

**O AUTOR E ILUSTRADOR** americano **Brian Selznick** nasceu em 1966 em Nova Jersey e consagrou-se com a publicação de *A invenção de Hugo Cabret* (2008), adaptado para o cinema por Martin Scorsese em 2011. O livro também lhe valeu o prêmio Caldecott, um dos mais importantes nos Estados Unidos na área da literatura infantojuvenil.

Após formar-se pela The Rhode Island School of Design, Selznick foi trabalhar numa livraria infantil. Ainda era funcionário da loja e decorava suas vitrinas ao publicar seu primeiro livro, *The Houdini Box*, em 1991. O modo original como relacionava imagem e texto nesse e nos outros títulos que publicou atraiu a atenção da crítica e conquistou o público.

Outra característica que merece destaque em sua obra é o cuidado que dedica à pesquisa e a maneira pela qual incorpora à sua ficção personalidades do passado, como o ilusionista e mágico Harry Houdini (1874-1926) e o pioneiro do cinema mudo Georges Méliès (1861-1938), além do modo como reprocessa temas científicos e culturais: as primeiras tentativas de se construir autômatos, a história dos museus e do cinema, entre outros.



## TRAJETÓRIAS CRUZADAS

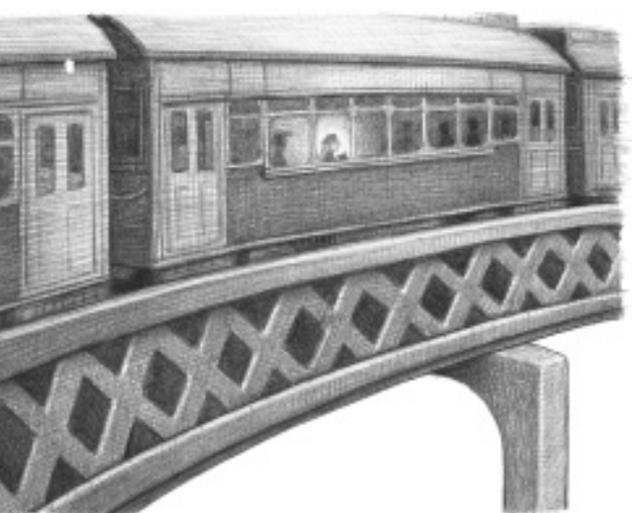
---

*Sem fôlego* conta, de maneira engenhosa e criativa, a história de dois personagens-protagonistas: Ben, um garoto em busca do pai, que não chegou a conhecer, e Rose, uma menina que, meio século antes dele, parece misteriosamente obcecada por uma famosa atriz do cinema mudo. Ainda que avancem de forma paralela, as duas histórias oferecem ao leitor experiências diferentes: a primeira é contada por meio do texto; a segunda, apenas por intermédio de imagens; uma se passa nos Estados Unidos de 1977; a outra se desenrola no passado, nos anos 1920, e perpassa cinquenta anos. Apesar dessas diferenças, Ben e Rose têm algo em comum: o mundo silencioso dos que convivem com a surdez e certo sentimento de solidão, que leva ambos a fugir de casa. O que eles não sabem é que as trajetórias estão destinadas a se cruzar e os dois estão fadados a se completar – ainda que não da maneira como esperavam –, surpreendendo o leitor com um desfecho comovente.

Entre o ponto de partida e o de chegada, Brian Selznick conduz os leitores de *Sem fôlego* a uma viagem na qual explora temas fascinantes, pesquisados cuidadosamente, como o universo dos surdos-mudos e da sua linguagem, o cinema mudo e o advento dos filmes falados, os bastidores dos museus de ciência natural, incluindo em sua trama fatos reais, como o blecaute ocorrido em Nova York em 1977. Provocado por um raio que atingiu uma usina de energia, o apagão mergulhou a metrópole americana nas trevas por horas, num episódio que quebrou a rotina dos habitantes e marcou a vida da cidade.

### UM PEQUENO HERÓI E SEU ENIGMA

Ao apresentar o livro, Selznick conta que conceber, escrever e desenhar a história lhe proporcionou aquela alegria que se sente ao montar um quebra-cabeça desafiador. Parte do fascínio que *Sem fôlego* exerce sobre quem o lê vem justamente do fato de este romance infantojuvenil oferecer o mesmo prazer à medida que se viram as páginas do livro: um a um, os elementos de seu enredo vão sendo apresentados sem que, a princípio, se veja a ligação existente entre eles. Desse modo, cada vez mais intrigado, o leitor abandona qualquer postura passiva e sente-se desafiado a – mentalmente – encaixar as peças aparentemente soltas da trama. O enigma mais relevante a ser desvendado é descobrir qual a relação entre as duas histórias que correm paralelas: a de Ben,



**CINEMA MUDO: FIM DE UMA ERA**

No livro, a personagem Rose mantém, no fim dos anos 1920, um álbum de recortes sobre uma famosa atriz de Hollywood, por quem ela se mostra fascinada (o motivo desse fascínio só fica claro no decorrer da história). Certo dia, contudo, ao chegar à porta de um cinema, ela encontra o estabelecimento fechado para reforma: um novo sistema de som está sendo implantado para tornar possível o advento dos filmes falados. A novidade, que promove uma revolução nos hábitos do público e da indústria cinematográfica, tem consequências negativas para pessoas como Rose: os espectadores surdos, que até então desfrutavam aquela forma de arte em condições de igualdade com os outros, veem-se de repente excluídos da nova experiência.

Os filmes mudos, que reinaram sem maiores contestações, desde a invenção do cinema, no final do século XIX, até 1930, exigiam basicamente a atenção visual dos espectadores. No que diz respeito ao som, muitos cinemas providenciavam um pianista que, tocando ao vivo nas salas, improvisava temas sonoros ao sabor das cenas que se desenrolavam na tela: melodias sentimentais para os trechos comoventes, trepidantes para as partes emocionantes ou divertidas nos episódios cômicos.

A partir da experiência bem-sucedida com a introdução de uma cena musical e um diálogo no filme *The jazz singer*, de 1927, Hollywood e o público abraçaram o cinema falado, relegando os filmes mudos à condição de um fenômeno do passado em apenas dois ou três anos. Essa transformação não

em forma de texto, e a de Rose, só por meio de imagens. Nessas condições criadas pelo escritor e ilustrador, o ato de ler exige participação ativa do leitor.

O papel desempenhado pelas ilustrações é tão fundamental neste livro que não pode ser relegado simplesmente à função de “ilustrar” uma história narrada por meio de palavras: na realidade elas contam a própria história e o fazem de maneira original e peculiar. Logo no início do livro o autor faz uma alusão ao **cinema mudo** e à sua linguagem – e até mesmo reproduz trechos de um filme por meio de desenhos. O advento do cinema falado representou uma mudança nos hábitos e na atitude mental adotada pelo público. Ficamos com a suspeita de que as películas silenciosas desenvolviam certa sensibilidade que passou a ser menos exigida no cinema falado. A impressão que se tem é que Selznick convida o leitor/espectador a adotar justamente esse tipo de atenção – uma atitude na qual este é obrigado a extrair o máximo de informação de determinada imagem, em geral compacta e de grande força.

É notável também a minúcia e o cuidado com que o artista reproduz os detalhes da paisagem urbana de Nova York, tanto a da década de 1920 como a dos anos 1970, mais um indício da importância que Selznick atribui à pesquisa histórica em seu processo de trabalho.



deixou de fazer algumas vítimas: estúdios que não tinham recursos para aderir a essa revolução tecnológica acabaram por falir; atores e atrizes que não tinham voz apropriada ou que, como estrangeiros, exibiam sotaque exótico saíram subitamente de cena, dando lugar a uma nova geração de estrelas. Outra mudança, silenciosa, porém não menos traumática, ocorreu na maneira como os espectadores se relacionavam com o cinema: se os filmes falados abriram novas possibilidades, por outro lado, também fizeram com que o público deixasse de exercitar certa sensibilidade, estimulada pela experiência única que representava assistir a um filme mudo.

## O UNIVERSO DOS SURDOS

Em *Sem fôlego*, a história dos dois protagonistas, Ben e Rose, estimula os leitores a refletir sobre uma realidade que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Ambos vivenciam a surdez de maneiras diferentes: ele fica totalmente surdo depois de ser atingido por um raio, enquanto ela nasceu surda; Ben não domina ainda a língua de sinais; Rose só afirma sua identidade ao se comunicar nessa língua no seio de uma comunidade de iguais a ela – uma escola para crianças surdas.

Existem no Brasil cerca de 5,7 milhões de surdos (entre “surdos profundos” e pessoas com deficiência auditiva). No nosso país, uma lei de 2002 conferiu oficialmente a condição de língua para Libras, sigla pela qual é conhecida a Língua Brasileira de Sinais. O fato foi considerado importante por muitos que veem nela um fator de autoestima e a principal base da identidade cultural da comunidade surda. Além da Libras, hoje é também reconhecida a Língua de Sinais Kaapor Brasileira, usada pelo povo indígena Urubu Kaapor, do Maranhão, cujo índice de surdez é alto (cerca de 1 para 75 indivíduos).

De modo geral, as línguas de sinais não se limitam a representar com a ajuda das mãos as letras do alfabeto, nem se restringem a gestos isolados: possuem estrutura gramatical própria e nelas as expressões faciais e corporais desempenham papel importante, garantindo uma “entonação” vital para a compreensão. O gesto imóvel ou em movimento, assim como sobre que altura ou parte do corpo ele é feito, determina o sentido do que está sendo comunicado. Enquanto a linguagem ►

## UMA POESIA DO SILÊNCIO

O autor tomou emprestados elementos da linguagem do cinema mudo para colocá-los a serviço de sua história. Ele recorre, por exemplo, aos *closes* – tão comuns nos filmes silenciosos – para obter rostos mais expressivos, transmitindo assim informações e emoções ao mesmo tempo, com recursos unicamente visuais. Além disso, ao se inspirar no cinema mudo e em sua linguagem, Selznick – de maneira perspicaz – abre ao leitor uma porta de acesso ao **universo silencioso dos surdos**: ao acompanharmos e desvendarmos uma história apenas por meio de imagens, assumimos, sem perceber, o papel de uma pessoa que não conta com o sentido da audição e se vale somente da visão. Dessa forma, nos colocamos no lugar de Rose, penetrando em seu mundo silencioso de modo muito mais eficaz do que seria possível se isso fosse feito só com palavras.

Os problemas e a vivência dos surdos-mudos, particularmente das crianças surdas, são explorados não apenas pelo caso de alguém que já nasceu sem audição, como Rose, mas também pela história de Ben, um menino que era capaz de ouvir, mas que subitamente se vê privado desse sentido, uma situação com a qual o leitor pode se identificar com maior facilidade.

Rose é vítima de uma mentalidade característica do início do século XX, que optava por conservar as crianças surdas à margem da sociedade. No Brasil, assim como em outros países, há algumas décadas era frequente que pais escondessem seus filhos surdos ou que não os deixassem sair desacompanhados. Essa atitude era a manifestação mais visível e dramática de um preconceito e das resistências às tentativas de integrar essas pessoas na sociedade mais ampla, nos círculos sociais, nas escolas, nas universidades e no mercado de trabalho.

Os pais de Rose não só a mantêm isolada em casa, como tentam forçá-la a aprender a falar: veem a capacidade de se expressar oralmente como a única forma admissível de se comunicar. É contra essa situação que a menina se revolta, só se encontrando de fato consigo mesma e com o mundo quando se vê entre seus iguais. Entre eles, o uso da língua de sinais exerce um efeito liberador, proporcionando um sentido de comunidade e contribuindo para a construção de uma identidade e o reforço da autoestima.



convencional é oral e auditiva, a língua de sinais se dá num plano visual e espacial.

Apesar de discriminada no passado por alguns educadores, nos dias atuais muitos defendem seu uso como uma manifestação de identidade cultural de uma comunidade que se organiza e luta por seus direitos por meio de entidades como a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, fundada em 1987, e a Confederação Brasileira de Surdos, fundada em 2004.

## OS GABINETES DE CURIOSIDADES

Começaram a ser formados na Europa no século XVI, durante o Renascimento, por homens que se distinguiam por seu poder (reis e nobres), sua riqueza (comerciantes e aristocratas) ou seu conhecimento (sábios e eruditos). Consistiam em coleções de objetos tidos como valiosos por sua raridade, beleza ou preciosidade. Dessa forma, eram apresentados, lado a lado, animais empalhados vindos de países longínquos, corais, esculturas, moedas antigas, relíquias tidas como sagradas, telas retratando personagens excêntricos, chifres, garras ou penas de criaturas exóticas. Abrangiam tanto itens de história natural como artefatos produzidos pelo homem, tanto a realidade como a ficção e a fantasia: “chifres” de narval, mamífero aquático, eram apresentados como sendo de unicórnio! 

Os dilemas vividos entre os polos de inclusão e exclusão, língua de sinais e expressão oral, identidade e integração alimentam um debate em curso até hoje. O papel que a língua de sinais pode desempenhar nesse processo continua a ser tema de muita polêmica, principalmente entre educadores. Na segunda metade do século XIX, a língua de sinais chegou até a ser proibida em algumas escolas para surdos no Brasil! Os adeptos da chamada “oralidade” acreditavam que ela atrapalhava os esforços para ensinar as crianças surdas a falar. De qualquer forma, com sua sensibilidade o autor nos oferece uma rara possibilidade de vivenciar os problemas vividos por essa comunidade. Por meio das experiências dos dois personagens e da realidade dos surdos-mudos, *Sem fôlego* discute na verdade um tema mais amplo e abrangente: a questão do preconceito contra um grupo de pessoas consideradas diferentes pelas demais.

## O MUNDO ORGANIZADO

Outro grande tema do livro é a consideração e a atenção em relação ao passado – sentimentos presentes no fascínio com que o protagonista Ben estuda o fruto de suas descobertas nos bastidores de um museu de história natural: o meteoro exposto em sua sala de exibição, seus antigos painéis, os arquivos esquecidos e os documentos empoeirados. Todos esses elementos, ele descobre, são parte de uma história que permanece viva, já que está associada a seu esforço para descobrir a identidade e o paradeiro do próprio pai – uma busca cujo motor é, em última análise, a curiosidade e a vontade de saber, como as que movem as grandes descobertas científicas.

Se colecionismo e catalogação de objetos ou documentos são maneiras de preservar a memória, consolidar identidades e organizar o mundo ao redor, não é de estranhar que Ben, na tentativa de conhecer sua origem, depare com fichários, dioramas e até um **gabinete de curiosidades** dentro de um museu. Ou seja, registros históricos, relíquias que remetam ao próprio passado servem de pistas para encontrar o pai desconhecido e funcionam como elo emocional com a avó, surda como ele, de quem nunca soube da existência. Nesse sentido, o museu, com seus labirintos, surpresas e maravilhas, é uma metáfora para a busca de identidade do protagonista, que inclui desafio, descoberta, maturação, conhecimento, encontros e reencontros.



Esses objetos eram considerados preciosos, menos por seu valor monetário do que por sua estranheza e sua capacidade de impressionar os visitantes, a quem essas coleções eram exibidas com toda a pompa e cerimônia. Explicam-se assim os nomes pelos quais eram conhecidos em inglês e alemão, *Cabinet of Wonder* e *Wunderkammer* (de *wonder*, espantar, maravilhar, daí o título original do livro de Selznick: *Wonderstruck*). Originalmente, esse era o principal critério para reunir objetos tão variados – a princípio em intrincados armários, cheios de compartimentos e gavetas, mais tarde expandindo-se para ocupar câmaras e vastos aposentos. De meros instrumentos para a afirmação do prestígio de monarcas, os gabinetes de curiosidades foram aos poucos servindo de matéria de reflexão para sábios e naturalistas, que começaram a exercitar assim um olhar científico sobre o que era visto como um microcosmo do mundo até então conhecido.

Muitos desses gabinetes acabariam dando origem a importantes museus. Foi esse o caso da coleção formada por Sir Hans Sloane (1660-1753), médico inglês que ao longo dos anos colecionou não apenas plantas, animais, minerais e moedas antigas, mas também artefatos de povos exóticos aos olhos dos europeus, como esquimós, habitantes de ilhas do Pacífico e países do Oriente. Sua coleção viria a formar a base do Museu Britânico, que abriu suas portas em Londres, em 1759.

## NA SALA DE AULA

1. **O mundo dos surdos.** Os problemas suscitados por situações de exclusão e os esforços para estimular sua inclusão fazem parte dos principais temas de *Sem fôlego*. Familiarizar a turma com os princípios básicos da língua de sinais adotada no Brasil (Libras) é uma boa forma de proporcionar um contato inicial com esse universo. No *site* [www.libras.org.br](http://www.libras.org.br), podemos conhecer elementos básicos (o alfabeto e os números, por exemplo) e assistir a pequenos vídeos didáticos. Com essas informações é possível realizar atividades simples e divertidas com os alunos, como apresentar o alfabeto em Libras e propor que estabeleçam diálogos em grupo sobre um tema específico. Assim eles podem vivenciar um sistema linguístico diferente daquele a que estão habituados e conseqüentemente entender a importância do respeito às diferenças e à diversidade. Caso haja algum aluno surdo na classe, ele poderá ajudar na condução dessa atividade. Outra possibilidade de colocá-los em contato com a língua de sinais é pedir que decifrem frases ou pequenos trechos em Libras (reproduzidos em vídeos ou grafados em papel). Se houver a intenção de aprofundar o tema, outra opção é convidar um professor, um intérprete da língua de sinais e/ou uma criança da mesma faixa etária da turma que usem essa linguagem para conversar com os alunos. Para isso, pode-se contatar uma escola para surdos local ou recorrer a uma entidade como a Confederação Brasileira de Surdos, com sedes em São Paulo e Belo Horizonte, ou a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, com sede no Rio de Janeiro.
2. **Coleções e museus.** Como muitas crianças e pré-adolescentes, Ben conserva alguns objetos curiosos numa caixa. A certa altura do livro, ele fica sabendo, por meio de um folheto, como um dos maiores museus de história natural do mundo tem sua inspiração e origem numa desprezível coleção infantil como essa: “O que vem a ser exatamente um museu? Uma coleção de sementes e folhas numa varanda nos fundos de uma casa ou um edifício gigantesco de milhões de dólares, construído para abrigar as coisas mais raras da Terra?”. “As duas coisas”, responde o menino (pp. 97-98).



Procure saber quais alunos mantêm o hábito de guardar algum objeto curioso e estimule-os a mostrar suas pequenas coleções aos colegas. Investigue previamente de que tipo de coisa se trata, se conchas, insetos, imagens de animais etc. Depois de conversar a respeito, sugira alguma forma de classificação ou organização, conferindo ordem e sentido ao que era antes um amontoado aleatório de objetos. Esse trabalho também pode ser feito em grupos por área temática (curadoria de exposição de ciências; de artes visuais; de esculturas; de música etc.). Cada grupo monta uma lista de obras a ser apresentadas, dá um título à exposição, pesquisa onde encontrá-las e a melhor forma de agrupá-las. Os projetos podem ser expostos em murais para serem vistos pela comunidade escolar como um todo. Outra opção é convidar um curador para falar de seu trabalho e comentar os projetos de curadoria feitos em sala de aula. Visitas guiadas a museus e bibliotecas também são excelentes oportunidades de conhecer mais sobre sistemas de catalogação e organização de obras.

3. **Cinema mudo.** Os filmes silenciosos desempenham um papel não apenas na trama, mas também na estética adotada pelo autor de *Sem fôlego*. Para a maior parte dos alunos dessa faixa etária, habituados à linguagem dos filmes de ação e dos *videogames* e à sua abundância de informações visuais, com sua velocidade vertiginosa, seu excesso de recursos sonoros, assistir a um filme mudo seria uma experiência radicalmente diferente. É provável que alguns jamais o tenham feito. Seria interessante oferecer-lhes algumas informações históricas sobre o cinema mudo e procurar explicar em que consistia essa experiência para as plateias das primeiras décadas do século XX.

Exiba alguns trechos de um filme atual sem o som e em seguida trechos de um filme mudo. Estimule seus alunos a analisar o que viram. Discuta se a única diferença é o acréscimo ou não do som ou se estamos diante de duas linguagens diferentes. Você também pode convidá-los a comparar a linguagem do cinema mudo àquela utilizada nas páginas desenhadas de *Sem fôlego*, nas quais o autor conta uma história recorrendo quase exclusivamente a informações visuais.

4. **Maquete.** Na história criada por Brian Selznick, um papel importante é desempenhado por uma gigantesca maquete preparada para a Feira Mundial de 1964, realizada em Nova York. Nela, em escala minúscula, cada edifício é reproduzido

fielmente em pequenos modelos de papel. A confecção e a visitação da maquete expressam o apreço dos habitantes pela história e pela arquitetura daquela metrópole. Estimule os alunos a escolher determinada área da cidade onde moram, com a qual tenham um vínculo especial (a da escola, do seu bairro ou uma região central com edifícios significativos), para montar uma maquete. Divida o projeto entre grupos e áreas diferentes de modo que se complementem no final. O processo pode servir de estímulo para uma pesquisa sobre a história e o significado das principais construções reproduzidas.

5. **Espanto.** Como vimos no quadro sobre os gabinetes de curiosidades, a ideia de espantar, maravilhar, assombrar está na origem das primeiras coleções de objetos que viriam a formar os museus. A mesma noção está presente no livro de Selznick, a começar pelo título original (*Wonderstruck*). Para muitos cientistas, esse sentimento de assombro foi o primeiro passo para suas indagações e teorias. Muitas das coisas que, no passado, pareciam misteriosas acabariam sendo classificadas e explicadas pela ciência. Nos dias de hoje, então, ainda somos capazes de nos espantar com alguma coisa? Discuta essa ideia com seus alunos e peça que relatem ou exponham com montagens suas possíveis experiências de maravilhamento num mural. Você pode ainda transformar o assunto em tema de redação.



## SUGESTÕES DE LIVROS, FILMES E SITES

---

### PARA OS ALUNOS

#### LIVROS

- BESSON, Olivier. *Exploradores*. São Paulo: Comboio de Corda, 2012. O autor recria, em texto e imagens, os passos de grandes aventureiros que desbravaram regiões selvagens e inabitadas do planeta.
- PEREIRA, Enéas Carlos. *Alguém viu meu pai?*. São Paulo: Edições SM, 2007. Um menino de 10 anos precisa lidar com a falta do pai. Sua mãe disse que ele morreu, mas quando faz a matrícula da escola descobre outra versão da história.
- SELZNICK, Brian. *A invenção de Hugo Cabret*. São Paulo: Edições SM, 2007. Romance anterior do autor de *Sem fôlego*, acompanha as aventuras de um menino em busca da solução de um enigma associado à figura do seu pai, à construção de autômatos e a um esquecido pioneiro do cinema.

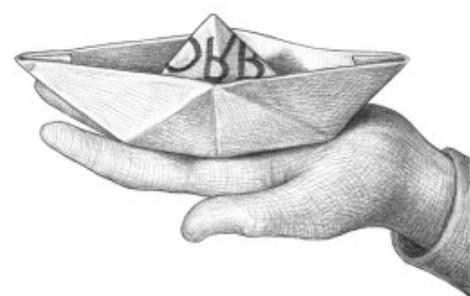
#### FILMES

- *A invenção de Hugo Cabret* (Estados Unidos, 2011). Em sua adaptação da obra de Brian Selznick, mesmo autor de *Sem fôlego*, o diretor Martin Scorsese conseguiu conservar a magia do romance original. O filme venceu cinco categorias do Oscar em 2012.
- *O artista* (França, Bélgica, 2011). O diretor Michel Hazanavicius teve uma ideia ousada para revisitar o mundo do cinema mudo: realizar um filme silencioso em pleno século XXI. Em 2011, venceu três categorias do Oscar: Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Ator.
- *Viagem à Lua* (França, 1902). O curta-metragem dirigido por Georges Méliès, baseado em livro de Júlio Verne e de H. G. Wells, é um dos clássicos do cinema mudo, tido como precursor da ficção científica no cinema.

### PARA O PROFESSOR

#### LIVRO

- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. Esta coletânea de ensaios destinada ao público adulto também inclui a discussão de exemplos ligados à realidade brasileira.



- WAAL, Edmund de. *A lebre com olhos de âmbar*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. Biografia de um dos grandes ceramistas da atualidade, que herdou uma rara coleção de 264 miniaturas japonesas. Esta se revelou a chave para adentrar o passado familiar e reviver grandes eventos históricos do século XX.

## SITES PARA OS ALUNOS E O PROFESSOR

### LÍNGUA DE SINAIS

- Confederação Brasileira de Surdos:  
<http://www.cbsurdos.org.br>
- Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos:  
<http://www.feneis.com.br>
- LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais):  
<http://www.libras.org.br>

### MUSEUS

- American Museum of Natural History (Nova York):  
<http://www.amnh.org>
- Museu Ciência e Vida (Rio de Janeiro):  
<http://www.museucienciaevida.com.br>
- Museu de História Natural (Belo Horizonte):  
<http://www.mhnjb.ufmg.br>
- Museu de História Natural Capão da Imbuia (Curitiba):  
<http://www.curitiba-parana.net/museus.htm>
- Museu de História Natural de Taubaté:  
<http://www.museuhistorianatural.com>
- Museu de Zoologia da USP (São Paulo):  
<http://www.mz.usp.br>
- Museu Nacional (Rio de Janeiro):  
<http://www.museunacional.ufrj.br>
- Smithsonian Institution National Museum of Natural History (Washington):  
<http://www.mnh.si.edu>

---

ELABORAÇÃO DO GUIA CLAUDIO FIGUEIREDO, JORNALISTA, TRADUTOR E COAUTOR DOS LIVROS *O PORTO E A CIDADE, O RIO DE JANEIRO ENTRE 1565 E 1910* E *THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: 100 ANOS EM CARTAZ*. PREPARAÇÃO GRAZIELA R. S. COSTA PINTO. REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E MARCIA MENIN.